

IMIGRANTES ITALIANOS NO BAIRRO DE CASCALHO, MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS – SP

Andréa Galhardi de OLIVEIRA¹

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender a relação entre a preservação da herança cultural de famílias italianas no Bairro de Cascalho, Cordeirópolis-SP, e o respectivo modo de ocupação espacial: assentamento rural em pequenas propriedades; bem como a análise dos sentimentos topofílicos, dentre outros, dos moradores em relação àquele lugar. No momento histórico de formação do núcleo colonial, os imigrantes italianos vieram para trabalhar nas fazendas de café, porém, em Cascalho isso se deu de forma diferenciada devido à divisão da terra ali adotada, núcleo colonial em lotes nos quais os imigrantes eram proprietários. Hoje se trata de uma comunidade unida em torno de suas tradições e origens culturais, com forte identidade territorial. Essa cultura italiana exerce grande influência não só sobre o grupo (o bairro como um todo) mas principalmente no indivíduo – enquanto sujeito daquele lugar. Pode-se notar como a religião foi e continua sendo um fator de união do grupo. Desse modo, a base econômica permitiu a fixação da cultura local que predomina como um traço característico do Bairro.

Palavras chave: Imigração Italiana. Cultura e Religiosidade. Assentamento Rural. Topofilia. Cascalho.

Abstract

Italian immigrants in the district of Cascalho, county of Cordeirópolis – SP

The aim of this study was understand the relation between the preservation of the cultural heritage of Italian families in the District of Cascalho, Cordeirópolis-SP, and the respective way of spatial occupation: rural settlement in smallholdings; as well as the analysis of topophilical feelings, among others, of the residents in relation to that place. In the historical moment of formation of the colonial nucleus, the Italian immigrants came to work in the coffee farms. However, in Cascalho this occurs in a different way due to the division of land, colonial nucleus in lots in which the immigrants were the owners. Nowadays it is a community united around their traditions and cultural origins, with strong territorial identity. This Italian culture exercised great influence not only over the group (the District as a whole) but principally over the individual – as a subject from that place. Can itself note how the religion was and continues being a factor of union of group. Thus, the economical basis has allowed the establishment of the local culture which predominates as a characteristic trace of the District.

Key words: Italian immigration. Culture and Religiosity. Rural settlement. Topophilia. Cascalho.

¹ Geógrafa pela UNESP/Rio Claro; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGCE, UNESP/Rio Claro, E-mail: and_galhardi@yahoo.com.br; bolsista CAPES, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bernadete Aparecida Caprioglio Castro, Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia/IGCE, UNESP/Rio Claro, E-mail: bacco@rc.unesp.br.

INTRODUÇÃO

O Bairro de Cascalho dista 8 km da cidade à qual pertence, Cordeirópolis, estado de São Paulo (SP). Esta por sua vez fica a 160 km de São Paulo. O município de Cordeirópolis possui 19.309 habitantes e, no Bairro, vive uma população de 330 pessoas, destes 172 são homens e, 158 mulheres; distribuídos em 91 casas ocupadas. (IBGE, 2007). Com economia bastante diversificada, nas pequenas propriedades destacam-se a fruticultura, avicultura, suinocultura, milho e produção de mudas de citros e plantas ornamentais. A ocupação do espaço neste lugar como Núcleo Colonial ocorreu no final do século XIX. Num breve histórico levantou-se que em 1885 o Barão de Cascalho vendeu suas terras ao Estado que as dividiu em pequenas porções de terra com a finalidade de receber os imigrantes. Definida a divisão de: 73 lotes rurais, 140 lotes urbanos e 140 suburbanos (HISTÓRICO, 2010). Contou em sua formação primeiramente com imigrantes nórdicos – noruegueses, suecos e dinamarqueses – e posteriormente com italianos. Neste momento histórico os imigrantes italianos vinham para trabalhar nas fazendas de café, porém, no contexto de Cascalho isso se dá de forma diferenciada devido à divisão da terra: núcleo colonial em lotes nos quais os imigrantes eram proprietários. As terras foram compradas pelo Estado, e os imigrantes as pagavam em pequenas parcelas (FERNANDES, 2001, p.40).

A hipótese central é de que a pequena propriedade foi um fator determinante para que a cultura do lugar fosse preservada. Portanto, o objetivo deste estudo foi verificar a relação entre a preservação da herança cultural no Bairro de Cascalho e o respectivo modo de ocupação espacial: assentamento rural em pequenas propriedades. Assim a análise foi feita a partir de aspectos culturais herdados do contexto da formação do Núcleo até os dias de hoje.

Esta análise foi fundamentada em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e relatos orais. Um dos fatores importantes para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida a partir da análise de relatos orais, foi baseada em Antônio Cândido (2001, p.23) utilizando-se não apenas “[...] documentos [...], referências e indícios sobre a vida do homem da roça; [...]”, ou seja, material documental; mas principalmente “[...] interrogar longamente, pelos anos afora, velhos caipiras de lugares isolados, a fim de alcançar por meio deles como era o ‘tempo dos antigos’”, ou seja, material oral, valorizando o olhar autóctone. O estudo aqui apresentado segue-se com a interpretação histórica do contexto da imigração italiana do período e com a subsequente análise das manifestações culturais que caracterizam o Bairro de Cascalho.

FATORES SOCIAIS E ECONÔMICOS: TERRA E IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

De 1500 a 1822 o Brasil se apresentava como colônia de Portugal e, portanto todas as terras eram propriedades da corte, somente a corte poderia negociar a venda e posse das terras brasileiras, concedidas aos sesmeiros. Durante esse período de tempo, exclusivamente cidadãos naturais de Portugal tiveram acesso às terras brasileiras. Foi somente por volta de 1808, que estrangeiros puderam ter acesso à terra com uma política adotada por D. João VI (PETRONE, 1984, p.7). Tal política foi um dos motivos para o incentivo à imigração. Segundo Carneiro, o Brasil apresentou três grandes períodos diferenciados com relação à imigração:

O primeiro, 1808 a 1886, é caracterizado pela coexistência do trabalho escravo [...]; O segundo período, 1887 a 1930, não há mais

o trabalho escravo; o imigrante entra como elemento substitutivo do trabalho escravo [...]; O terceiro período começa logo depois da revolução de 1930; cessam a migração espontânea e a imigração dirigida [...] (CARNEIRO, [1950?], p.9).

Os italianos, objeto da presente pesquisa, situam no segundo período descrito por Carneiro (1950?). Apenas para ilustrar, segundo Cenni ([1975?], p.171) o número de italianos vindos ao Brasil, que abrange majoritariamente o primeiro e o segundo período descritos acima, foi de 1.513.151 pessoas entre 1836 e 1947.

Anos mais tarde, incentivos governamentais foram expressos para fornecer ou facilitar a compra de pequenas propriedades por parte dos imigrantes. Estes, que além de terem inicialmente uma ajuda financeira na vinda para o Brasil, que *a priori* era subsidiada pelo governo brasileiro, ainda tinham facilidades na própria aquisição das terras. "A lei provincial [de São Paulo] que oferecia passagem paga em 1884 também fornecia recursos para a compra de até cinco fazendas, [...] de maneira que os imigrantes 'que tivessem feito suas economias' pudessem tornar-se pequenos proprietários" (DEAN, 1977, p.175). Porém, esse processo de migração se intensificou anos mais tarde, nos mais variados grupos de imigrantes e pelos mais diversos motivos, que oscilaram entre a fixação no território até a perda de terras e a miséria. "A procura de trabalho, o sonho de conseguir um pedaço de terra tornavam a América, onde havia terras disponíveis em abundância, o centro das atenções de grandes massas de europeus que em muitos casos viviam em estado de pauperismo" (PETRONE, 1984, p.9).

Outro fator importante é o de que se costuma conceber que os imigrantes mudaram para o Brasil por simples motivação própria, o que será contraposto por Martins (1992). O autor deixa claro que houve fatores que condicionaram os italianos, principalmente da região do Vêneto, a migrarem. Assim, há os fatores de expulsão e de atração. Quanto aos fatores de expulsão, destacam-se: expropriação de terras, problemas com herança e unificação italiana. Porém, a unificação italiana (1861) parece ser o fator primordial que desencadeou os processos de transformação econômica que condicionaram profundamente a emigração italiana:

[...] eram camponeses pobres, camponeses sem terra, procedentes de uma das regiões mais pobres da Itália, naquela época – o Vêneto. [...] Região predominantemente ocupada por pequenos proprietários e pequenos estabelecimentos trabalhados em regime de parceria, foi logo atingida pela crise agrícola decorrente da Unificação italiana e a conseqüente supressão das barreiras alfandegárias, com a [che] gada [sic] ao mercado de produtos concorrentes mais baratos. As terras comunais vizinhas também começaram a ser ocupadas, atingindo um dos meios de vida dos camponeses. Sem contar que a região foi atingida, ainda, pela fragmentação das propriedades, em decorrência dos direitos de herança, dificultando a sobrevivência das famílias. [...] Antes, eram eles vítimas da exploração econômica, da expropriação territorial e das já insuficientes condições de vida. (MARTINS, 1992, p.29)

Em relação aos fatores de atração da migração para o Brasil temos: fim da escravidão, escassez de mão-de-obra, escassez de produtos alimentícios, terras disponíveis, necessidade da criação de infraestrutura e o desenvolvimento do capitalismo.

Destaca-se que para os fazendeiros a forma contratual de trabalho era totalmente nova, e que por inexperiência e insegurança relutavam em adotar o sistema assalariado, porém, sua estrutura de trabalho e produção estava totalmente pautada nas formas capitalistas e não havia mais como voltar atrás. Afinal, a insegurança por parte dos fazendeiros era motivada por um sistema novo e desconhecido, que gerava desconforto e medo.

Embora não houvesse mais como fugir daquele contexto econômico, muitos fazendeiros titubeavam em relação a essa mão-de-obra assalariada, pois não tinham uma percepção adequada das relações capitalistas no processo de produção, venda e compra de mercadorias. Mas os fazendeiros hesitavam na contratação salarial de imigrantes por ainda manterem uma relação escravocrata com seus trabalhadores. Isso era algo inovador demais para fazendeiros que temiam perder o controle da situação.

Os fazendeiros procrastinavam, não por que o trabalho assalariado fosse menos viável, mas por serem incapazes de tratar com um proletariado real em bases puramente contratuais. Nisto residia um enorme paradoxo, pois o restante de suas transações com terras, crédito, máquinas e transporte era totalmente capitalista. Mas os fazendeiros temiam, talvez acertadamente, que os salários competitivos dariam aos trabalhadores os meios de acabar com o seu monopólio de terras e, portanto, de subverter sua sociedade. (DEAN, 1977, p.124)

Carneiro deixa claro que além das relações capitalistas já terem se firmado e não houvesse como voltar atrás, há também o fato de que ficava mais barato contratar imigrantes europeus do que comprar negros (CARNEIRO, [1950?], p.23): "O trabalho escravo torna-se antieconômico [...]. Era mais barato até contratar imigrantes." Desse modo o processo do capitalismo se consumara e restava aos fazendeiros aceitar a situação.

Graças ao auxílio do governo o processo migratório tornou-se atraente aos olhos do imigrante, não só pelo fato de inicialmente ser subvencionada, mas também por dar a falsa idéia de que todos que viriam ao Brasil poderiam ter de fato acesso à terra como proprietários. Conforme Prado Jr. (1956, p.193), "[...] havia a vantagem de tornar a imigração para o Brasil muito mais atraente, oferecendo aos candidatos desde logo a possibilidade de se tornarem proprietários".

Após a maturação do processo de imigração, começa um novo momento histórico no Brasil, que trouxe consigo o surgimento de uma nova estrutura espacial: a pequena propriedade. Nesse contexto teremos novamente fatores externos e internos a esse processo. Em relação aos fatores externos, teremos a crise de 1929. Já com relação a fatores internos temos: necessidade de criar uma mão-de-obra excedente e barata, como também a valorização de terras, ou seja, o desenvolvimento de um mercado de terras, a mercadoria espaço.

Com relação à crise de 1929, Monbeig (1984) argumenta que embora o mundo entrasse em crise e os fazendeiros brasileiros fossem grandemente afetados, já que sua produção era voltada para o mercado externo, para outros essa foi a alavanca que proporcionou a saída daquela situação insatisfatória como colonos.

O abalo de 1929 havia sacudido a sociedade paulista fortemente demais, para que pudesse ela conservar a estrutura tradicional. Para o fazendeiro, o problema consistia em refazer-se e compensar as perdas. [...] não faltavam compradores de pequenas parcelas [...], colonos que tinham sofrido menos que seus patrões com a crise e que podiam adquirir reduzidos lotes de terra virgem, vendidos a preços acessíveis. (MONBEIG, 1984, p.117)

Naquele momento a produção dos grandes proprietários era o café, onde os Estados Unidos era seu principal mercado consumidor. Desse modo os fazendeiros tiveram que procurar uma alternativa para seus problemas financeiros. E uma das formas de amenizar toda aquela grande perda se deu da seguinte forma: o parcelamento de suas terras que foram vendidas aos imigrantes. Neste caso, se não lucraram com a situação, pelo menos acharam uma saída menos frustrante para aquela crise econômica. Para alguns imigrantes foi a oportunidade de conseguir suas próprias terras, pois além de eliminar sua dependência do

latifundiário, podiam agora realizar um sonho tardio, ou seja, a posse da “[...] pequena propriedade, sonho de todos que abandonaram sua pátria” (PETRONE, 1984, p.24).

Concomitante a tudo isso havia interesses governamentais na criação das pequenas propriedades, aliando-se à necessidade de uma maior produção de alimentos, visto que os centros urbanos estavam em expansão. Porém, no contexto da formação do Núcleo Colonial de Cascalho, na produção monocultural (cafeicultura) voltada para o mercado externo, havia primordialmente a necessidade de produção de alimentos para abastecer a mão-de-obra assalariada. Nesse momento histórico a pequena propriedade foi de fato uma solução para a crescente demanda de alimentos.

Destaca-se que o Núcleo de Cascalho possuía peculiaridades geográficas, como relevo, que influenciaram em como e onde a pequena propriedade deveria se expandir, pois segundo Dean (1977, p.176) “Cascalho não podia ser vendida para o plantio de café, pois era muito baixa, portanto sujeita a geadas”.

Além disso, segundo Petrone, (1984, p.20), terras que eram economicamente inviáveis às “[...] atividades econômicas hegemônicas [...]” deveriam se tornar núcleos coloniais, pois “[...] o trabalho na infra-estrutura viária era obrigatória – vão assim ser integradas aos interesses do capitalismo”. Ou seja, a implantação desses núcleos coloniais forçaria a criação de infraestruturas (desmatamento, construção de estradas e pontes), tornando funcional não só a pequena propriedade, mas, sobretudo o latifúndio.

Esse processo vinha de encontro aos interesses capitalistas da seguinte forma: por um lado valorizaria as terras já existentes, e as terras que não serviriam para o café deveriam estar voltadas para o plantio de alimentos. E, finalmente, criaria infraestrutura de forma gratuita, por parte dos colonos que adotaram essas terras não somente como um lugar de sobrevivência, mas também como lar.

Desta maneira, o pequeno produtor valoriza sua terra por torná-la fértil, e cria infraestrutura, como pontes e estradas, para torná-la funcional. Por isso era interessante a criação desse pequeno proprietário, que além de valorizar as terras dos fazendeiros como reflexo do seu trabalho, isso ainda se dava sem custos para os grandes proprietários. Monbeig reforça esta argumentação, entretanto, acrescenta um outro fator: “[...] essa prosperidade era artificial [, pois] [...] o movimento de conquista do solo, entre 1890 e 1900, foi uma vasta especulação, financeiramente falando” (MONBEIG, 1984, p.108). Ou seja, a criação dessas pequenas propriedades não se deu naturalmente, mas graças ao interesse de fazendeiros, com a formação de um mercado de terras, nunca esquecendo que interesses políticos e econômicos sempre se mantiveram atrelados.

Confundia-se o interesse coletivo com o seu interesse de classe. Esse fato sociológico liga-se à geografia do movimento pioneiro. Os problemas de mão-de-obra e, conseqüentemente, o povoamento, os das vias de comunicação, os dos preços foram considerados e tratados acima de tudo, em função dos interesses dos fazendeiros. A marcha pioneira foi primeiramente assunto deles. (MONBEIG, 1984, p.141)

Esse mercado de terras se estabelece guiado pelos interesses político-econômicos dos latifundiários, onde, conforme Petrone (1984, p.25), “Os imigrantes recebem lotes de terra e deviam dedicar-se à lavoura de gêneros alimentícios [...]”. Esse fato não só foi confirmado (DEAN, 1977; PRADO Jr., 1956), mas também trouxe um elemento novo: o relevo. Os autores afirmam que lugares onde não era apropriado o plantio do café ficariam voltados à produção de alimentos. Justamente essas terras por serem inapropriadas ao café seriam mais baratas e, portanto, de maior acesso ao imigrante: “Aproveitarão também certas regiões cujas condições naturais não se prestavam para a cultura do café”, transformando-as em pequenas propriedades para a produção de alimento, afinal, “[...] não era compatível com os padrões clássicos da grande propriedade extensiva e monocultural” (PRADO Jr.,

1956, p.257). Foi neste contexto amplo que o fator especulativo, apontado por Monbeig, se configurou.

Porém, em São Paulo havia uma diferenciação dos demais estados. Essa pequena propriedade não surgiu somente com o objetivo de satisfazer os dois aspectos principais: ocupar o território e criar infraestrutura; antes, em São Paulo, foi um complemento ao latifúndio. Tinha-se o objetivo de ser uma reserva de mão-de-obra para controle de salários:

Em São Paulo a pequena propriedade surgiu com objetivos diferentes do que nos outros estados e se integrou em realidade outra, transformando-se em elemento complementar ao latifúndio [...] devia funcionar como reservatório de braços com os quais o fazendeiro podia contar por ocasião da colheita [...], o fazendeiro teria onde recrutar braços em hora de necessidade. (PETRONE, 1984, p.48).

Há a necessidade de se esclarecer o termo pequena propriedade. Caio Prado Jr., explica que o tamanho não é determinante na terminologia, mas a estruturação estabelecida entre os trabalhadores e aquele espaço:

Não se pode fixar para a pequena propriedade um limite quantitativo absoluto; a dificuldade é geral, mas particularmente num país como o Brasil, de densidade geográfica e econômica tão variável de uma para outra região o que interessa contudo na caracterização dos tipos de propriedade não é propriamente a sua área, que não é senão um índice, do que efetivamente merece consideração e que é o caráter econômico e sobretudo social da exploração agrícola. Neste sentido, grande propriedade é a exploração em larga escala que emprega grande número de trabalhadores (escravos ou assalariados), e onde há uma distinção nítida e completa entre o trabalhador e o proprietário. A pequena, pelo contrário, é aquela em que o proprietário e sua família, ajudados quando muito por um reduzido número de auxiliares, realiza ele próprio o trabalho. É este o sentido que faço a distinção aqui. (PRADO Jr., 1956, p.254, nota de rodapé).

Ou seja, não é a extensão da terra que determina em última instância a pequena propriedade, mas sim a relação daqueles que a ocupam mantêm com esta. Ressalta-se que os espaços coletivos a qual a pesquisa está pautada se tratam: Igreja, Salão Paroquial "Padre Antônio Klein", Associação "*Trevisani nel Mondo*", e Associação Rural, e a Área de Lazer. A pequena propriedade apresenta tanto um caráter coletivo, por ser o lugar do trabalho, quanto um caráter privado, por ser o lugar de morada.

CULTURA E TERRITORIALIDADE

Neste estudo procurou-se tratar não só a relação de preservação cultural, mas também observar a relação topofílica que tanto a população do lugar, quanto os descendentes dos formadores do Núcleo têm para com o Bairro. Muitos dos descendentes, sem nunca terem morado em Cascalho, em entrevistas informais, quando questionados sobre de onde eram, respondiam, "minha família é de Cascalho", demonstrando assim sua referência topofílica.

O lugar é marcado e conhecido devido à cultura italiana herdada de seus ascendentes, e dentre a cultura há o destaque para as festividades religiosas ali comemoradas. Não só pela comunidade do lugar que trabalha ativamente para que as mesmas possam aconte-

cer e continuar ocorrendo, mas também pela comunidade regional que as prestigia ativamente.

Destaca-se a influência que a Igreja exerce sobre os moradores de Cascalho. Há um calendário anual de atividades que congrega a comunidade do lugar bem como a regional, com festividades e comemorações mensais e anuais. Como exemplo de tais atividades, dentre as missas temos: Missas de Jovens e Missa dos Casais Aniversariantes do Mês. Entre as festas anuais: Almoço na Roça, Festa Italiana, Festa da Padroeira e Festa do Milho Verde (HISTÓRICO, 2010).

A influência religiosa em Cascalho é profunda e marcante. São católicos com grande fervor religioso. A fé tem sido o motor da comunidade, onde se reúnem para rezar, agradecer a Deus, organizar e prestigiar as festas.

Falar da “perspectiva religiosa” é, por implicação, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de “ver”, no sentido mais amplo de “ver” como significando “discernir”, “apreender”, “compreender”, “entender”. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, como quando falamos de uma perspectiva histórica, uma perspectiva científica, uma perspectiva estética, uma perspectiva do senso comum ou até mesmo uma perspectiva bizarra corporificada em sonhos e alucinações. (GEERTZ, 1989, p.126).

A partir de tal perspectiva, pretende-se compreender como o elemento cultural da religiosidade atua na formação da identidade territorial no Bairro de Cascalho. A religiosidade tem tanto um caráter de fé, quanto político em Cascalho. No sentido da fé, participam das missas todas as faixas etárias da comunidade. No sentido político, o atual padre tem executado um papel peculiar, convocando a comunidade para participar de modo ativo, como por exemplo, nas reuniões para a elaboração do Plano Diretor do município de Cordeirópolis. Assim a religiosidade exerceu e tem exercido um papel agregador e organizador para que suas características culturais – materiais (igreja) e imateriais (ritos) – não sejam esquecidas.

O elemento topofílico encontrado em Cascalho, descrito por Tuan, significa: (1980, p. 5) “Topofilia é o elo afetivo entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico.” Verifica-se a questão da referência não só que o sujeito tem em relação a Cascalho, mas também a memória do grupo de descendentes, bem como de todos que conhecem e prestigiam a história desse lugar.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. [...] Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p.107)

Dentre as relações afetivas que se nota em Cascalho, encontram-se aquelas manifestações materiais e imateriais que abarcam o conceito de cultura, sendo que “A própria cultura foi considerada como um conjunto relativamente não-problemático: um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas que foram aprendidas e transmitidas através das gerações” (COSGROVE, 2004, p.101). Ainda, segundo Cosgrove (2004, p.98), “A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, à cultura, à idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra e à sua composição. A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’ [...]”. Complementando o conceito de paisagem, segundo Guimarães, “As paisagens constituem centros de diferentes significados, resultan-

tes das formas como as valoramos [...]". Esse processo subjetivo toma forma a partir do valor que cada um atribui a tal paisagem.

Esses valores são vivenciados pelos entes envolvidos nessa história tão peculiar, tais como: igreja, moradores, descendentes de moradores que não residem ali, a Associação "*Trevisani nel Mondo*", a Associação Rural e a área de lazer que cumpre o papel de reunir os jovens locais. Assim, para Pollice² (2010, p.13) esses "elementos da paisagem" trazem uma identidade extremamente significativa para a comunidade do lugar, pois esta "[...] tende a atribuir um valor simbólico a alguns elementos da paisagem, reconhecendo-os como expressão tangível da própria identidade territorial".

Na visão antropológica de Clifford Geertz a cultura compreende as instâncias materiais e imateriais (simbólicas) da vida humana, pois: "Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas" (GEERTZ, 1989, p.64).

Ao observar o Núcleo Colonial de Cascalho, atual Bairro de Cascalho, verifica-se certas peculiaridades na cultura do lugar que o diferencia de seu entorno. Desse modo, pode-se constatar o "[...] *genius loci* [...]" "aquele conjunto único de caracteres físicos, de mensagens culturais e de sensações emotivas, que faz do lugar aquilo que é, ou o torna diverso e único em relação a qualquer outro lugar" (ARTUSI, 1996, p.3 apud POLLICE, 2010, p.15). Em relação aos aspectos subjetivos dos moradores do bairro, no que se refere à preservação da herança cultural, o "[...] *genius loci* vem, portanto, a configurar-se como a manifestação perceptiva da identidade territorial; expressão de síntese dos aspectos tangíveis e intangíveis da qual esta se compõe" (POLLICE, 2010, p.15).

Portanto, caracteriza como esses aspectos tangíveis e intangíveis se manifestam nesta identidade territorial. Dentre os aspectos tangíveis, há não só as edificações como também a preservação das mesmas. No caso do salão paroquial há a presença de pinturas nas paredes que são replicas de fotos das cidades de Godega de Santo Urbano e da cidade de Colle Umberto (Treviso, Vêneto, Itália). Estas tem muito significado para os frequentadores, por serem duas das cidades de onde veio o maior número de italianos que formaram o Núcleo, representam o passado, e conseqüentemente seus ascendentes, motivo de orgulho para os descendentes hoje. A maior parte dos que constituíram inicialmente o Núcleo de Cascalho vieram da região do Vêneto na Itália, mais especificamente de província de Treviso³.

Aqui identificamos o conceito de território abarcado nesta pesquisa:

Para outros, entretanto, ver o território apenas numa perspectiva política e, mais ainda, do ponto de vista do Estado e de suas fronteiras materiais, é muito simplificador. Muitos preferem priorizar a dimensão simbólica, vendo o território como fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus "espaços vividos". (HAESBAERT, 2002, p.120).

Ou seja, o autor deixa claro que o território possui uma demarcação definida do espaço que o limita, porém, vai, além disto. Esse território possui um caráter simbólico, que o identifica para o grupo, que extrapola o limite físico e as determinações políticas, se trata de uma "apropriação simbólica". Porém, o autor complementa:

Podemos, então, sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua

² Originalmente publicado em: POLLICE, F. Il Ruolo dell'identità Territoriale nei Processi di Sviluppo Locale. **Bollettino della Società Geografica Italiana**, Roma, v. X, n. 1, p. 75-92, gen-mar. 2005.

³ Províncias e regiões são divisões político-administrativas na Itália. A Itália é dividida em regiões e estas por sua vez em províncias.

apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivemos analisando. (HAESBAERT, 2002, p.121).

Em suma, o conceito de território aqui utilizado busca interpretar a identidade territorial como um misto das apreensões subjetivas e dos condicionamentos histórico-materiais.

A construção da igreja da Paróquia de Cascalho teve inspiração nas igrejas das cidades do Vêneto, e isto se deve ao fato de que o pedreiro responsável pela obra era originário daquele lugar: "A igreja foi construída a partir de modelos de igrejas do Vêneto, assemelhando-se à igreja de S. Tomé de Colle Umberto na Itália, de onde veio o pedreiro responsável, Antonio de Nadai" (BOTTEON, 2005, p.39). As igrejas não possuem a mesma arquitetura, pois a igreja do Vêneto apresenta estilo clássico e a igreja de Cascalho, estilo eclético. Entretanto, o estilo eclético compreende a união de vários outros estilos em uma mesma obra, assim é possível observar características físicas semelhantes, por exemplo, o frontão e as colunas laterais estão presentes na Igreja de Cascalho, assim como na Igreja do Vêneto (figuras 1 e 2).



Figura 1 - Semelhanças arquitetônicas entre a igreja de São Tomé, à esquerda – Colle Umberto, Treviso, Itália

Fonte: <http://www.comune.colle-umberto.tv.it/>), e a igreja de Nossa Senhora da Assunção de Cascalho, à direita

Fonte: OLIVEIRA, 09/2008.

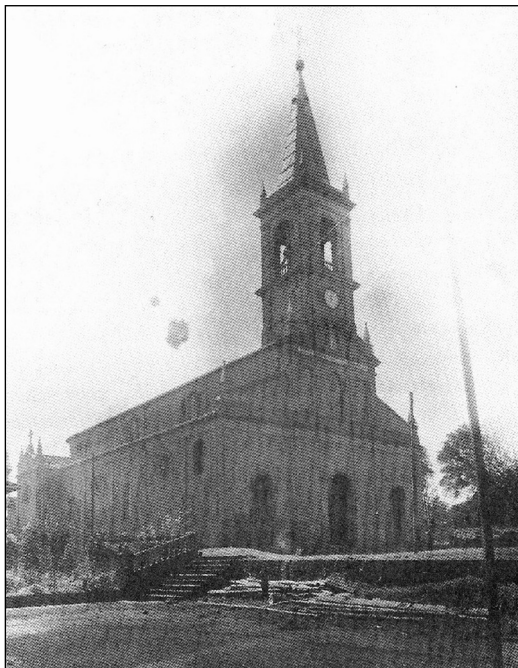


Figura 2 - Aspecto da conservação arquitetônica

Foto com data aproximada da inauguração (1936)

Fonte: BOTTEON, 2005.

Dentre os aspectos intangíveis pode se observar a preservação forte e marcante da religiosidade no Bairro. Sobre os valores éticos, ao se conversar informalmente com os moradores locais, da constância das festas, do resgate de outras, como a Befana⁴ que até bem pouco tempo atrás estava esquecida, começou a ser comemorada e encenada em 2007 e vem se restabelecendo nos costumes do Bairro. Outro fato revelador, presente nas conversas informais, é que muitos descendentes que moram em Cordeirópolis manifestam sua vontade em se casar na Paróquia de Cascalho, afinal seus avós ou bisavós também se casaram ali, apresentam isso como memória da família, e tem orgulho disso. Esse desejo de se casar na igreja de Cascalho, não representa uma comodidade para os noivos ou facilidade para os convidados, antes tem um sentido mais profundo. Assemelha-se ao que Antônio Cândido chamou de "sentimento de localidade", (2001, p. 84), de modo que o indivíduo apresenta profundos laços de ligação com o lugar. De forma que executa seus ritos e festas – casamento, batismo, entre outros – nutrido por sentimentos e lembranças que o tornam parte daquele lugar.

Desta forma, esses elementos acima citados têm papel fundamental na identidade, e são abarcados pelo "[...] conceito geográfico do *lugar*, ou seja, 'um espaço dotado de caráter distintivo'" (NORBERG-SCHULZ, 1979 apud POLLICE, 2010, p.17-18). E graças a esse

⁴ Festa da "Befana" (significa epifania, manifestação de Jesus a todas as raças) é típica do norte da Itália introduzida na paróquia de Cascalho. Consta de um teatro do nascimento de Jesus e a visita dos Reis Magos.

"caráter distintivo" Cascalho difere do seu entorno na preservação dessas características culturais italianas, reforçadas pela comunidade do lugar. Forma-se uma paisagem específica e de referência não só para os moradores, como para as da região que, de alguma forma, reconhecem seu valor histórico e cultural. Neste momento nos atemos ao conceito de paisagem e seus reflexos sobre a comunidade envolvida neste contexto: "[...] onde a paisagem é uma dimensão concreta espaço/temporal, envolvendo a integração estrutural e funcional da geosfera, biosfera, tecnosfera e psicosfera, em um complexo sistema de interações naturais e culturais" (GUIMARÃES, 2007, p.12). Os descendentes dos formadores do Núcleo de Cascalho são muito numerosos, e embora a maior parte não more ali, costumam ter o Bairro como um espaço de referência cultural.

Percebe-se que os espaços ali existentes, coletivos ou privados, preservaram de algum modo os valores culturais ao longo da existência do Bairro. Esses valores não se perderam completamente e foram resgatados, seja através das festas ou outras comemorações, que na realidade estavam dispersos por esses espaços, e foram restabelecidos, especialmente, na ocasião da comemoração do Centenário do Bairro de Cascalho, em 1993 (HISTÓRICO, 2010).

Em 1992 o padre, que atua até os dias de hoje na comunidade, em pesquisas sobre o Bairro de Cascalho, no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, descobriu que o ano de 1993 era o centenário da formação da Paróquia de Cascalho. Deste modo se estabelece o ano símbolo da imigração italiana no Núcleo Colonial de Cascalho. Assim, um grupo que já estava se organizando, lança o ano 100 de Cascalho, chamam as famílias e realiza-se uma gincana de objetos, dados e documentos, com o intuito de arquivar a memória do lugar. O Padre afirma que "foi aí que todo mundo acordou", se referindo ao momento histórico de grande importância para os moradores e outros descendentes (informação verbal⁵). Cascalho então construiu um monumento comemorativo aos 100 anos da imigração italiana no lugar, onde se pode observar a junção entre os mapas da Itália e Brasil em uma única figura, além dos sobrenomes de todas as famílias que formaram a comunidade de Cascalho.

Nesse momento surge outra preocupação: como manter a recuperação dessa memória? Com isso instala-se a Associação "*Trevisani nel Mondo*". Importante destacar que a influência da imigração italiana no estado de São Paulo como um todo foi numericamente predominante, porém, de modo geral as características dessa cultura se diluíram e se mesclaram ao longo dos anos. No entanto, em Cascalho isto se dá de forma diferenciada, com algumas características culturais italianas bastante preservadas. Outro fator que evidencia isto é que em todo o estado de São Paulo somente o Bairro de Cascalho, os municípios de Cerquillo e Ribeirão Preto possuem a Associação "*Trevisani nel Mondo*" que tem por objetivo, dentre outras coisas, preservar a cultura italiana. Essa memória se mantém graças à "indissociação entre a Igreja e a Associação, fazendo com que ela funcione e não seja abandonada", segundo depoimento do Presidente da Associação (informação verbal).

A Associação "*Trevisani nel Mondo*" surge, dentre outras coisas, para levantar os dados documentais do Bairro de Cascalho. Na realidade alguns elementos culturais sempre estiveram presentes entre a comunidade, tais como valores familiares e religiosos. Por isso seu surgimento também visa estimular fatores esquecidos como a língua, através de cursos ministrados na Associação. Afinal, fatos como a Segunda Guerra Mundial e a necessidade da comunicação para a integração dos italianos ao contexto sociocultural brasileiro, e para que o desenvolvimento econômico se tornasse viável, fizeram com que a língua italiana acabasse esquecida. Deste modo, a "identidade cultural" se firma enquanto elemento agregador e identificador, pois para Pollice (2010, p.18): "A identidade territorial tende a reforçar o poder normativo dos valores éticos e comportamentais localmente compartilhados."

A sede da Associação "*Trevisani nel Mondo*" é um dos elementos que indica a preservação das características culturais no Bairro, para que, por meio desta associação haja a

⁵ Entrevista concedida pelo Padre em 20/09/08, na Associação "*Trevisani nel Mondo*".

manutenção das atividades culturais já existentes (HISTÓRICO, 2010). As finalidades dessa associação são, entre outras:

- Congregar os imigrantes trevisanos, seus descendentes e simpatizantes no Bairro de Cascalho, município de Cordeirópolis e região.
- Divulgar a tradição, a história e a cultura trevisana.
- Organizar e conservar um acervo histórico de documentos e objetos de descendentes trevisanos que instalaram-se no Bairro de Cascalho, município de Cordeirópolis e região.

Essas finalidades, de alguma forma, realizam-se na Associação. Ela conta hoje com um acervo de 6.000 documentos. Seu acervo conta com documentos dos mais variados fins: certidões religiosas, certidões civis, certidões de desembarque, escrituras de propriedades, relatos orais transcritos, fotos, entre outros; além de 100 pastas familiares individualizadas, onde se podem encontrar os mais diversos materiais dos já citados, dos ascendentes originais e de inúmeros descendentes. Muito desses materiais são arquivos digitalizados, facilitando a acessibilidade ao acervo. Por exemplo, os casamentos ocorridos entre os anos de 1901 e 1921 se apresentam disponíveis nessas duas formas. Há também a versão digitalizada do Livro Tombo do Núcleo Colonial de Cascalho. Segundo Tuan (1980, p.114) é fundamental que a população se reconheça através desse tipo de levantamento, pois "A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar", e esta consciência tem sido resgatada não só pelo levantamento deste arquivo físico como também pela manutenção de costumes, festas etc., além, da língua como patrimônio imaterial a ser preservado.

Com relação ao espaço que compõe atualmente a sede da Associação "*Trevisani nel Mondo*" em Cascalho, se trata da antiga casa paroquial, onde morou todos os anos em que serviu em Cascalho o padre Luiz Stefanello – liderança marcante na formação e consolidação do Bairro. Além do arquivo atual da Associação, podem-se observar objetos que pertenceram a Stefanello, dentre eles: indumentária religiosa, objetos de higiene pessoal, móveis e etc.

No desenvolvimento e surgimento de núcleos de povoamento há estruturas que exercem grande valor social, e desse modo logo são incluídas no convívio da comunidade:

Áreas mais prósperas logo ostentaram igreja, escolas e hospitais [...] A igreja sempre desempenhou papel importante nas comunidades de imigrantes, fossem eles italianos, alemães, holandeses, poloneses, russos etc. Pastor ou padre eram elementos imprescindíveis na organização social dos imigrantes, contribuindo para a manutenção de certos valores culturais. (PETRONE, 1984, p.74).

A criação das mesmas não passa despercebida no caso de Cascalho que em 1893 recebeu terras para construção de igreja e escola, revelando o grau de importância dessas estruturas. Destaca-se a influência que a Igreja exerce e sempre exerceu sobre os moradores de Cascalho. A instalação do Núcleo Colonial de Cascalho se deu no ano de 1885, e a chegada dos italianos aconteceu no ano de 1893, mesmo ano em que chega a ordem dos Scalabrinianos. Ou seja, desde a chegada dos imigrantes também se fixa a Igreja. Em 1911 chega o padre Luiz Stefanello que também pertencia a esta ordem religiosa. Stefanello nasceu no dia 06 de outubro de 1878, na cidade de Pionca di Vigonza, Província de Pádua, Vêneto, Itália. Ordenou-se padre em 1907, na ordem dos Scalabrinianos. Permaneceu em Cascalho até o ano de 1953, quando, debilitado fisicamente, muda-se para Águas de Santa Bárbara-SP, vindo a falecer em 1964, onde foi enterrado.

A ordem dos Scalabrinianos foi fundada na Itália pelo Monsenhor João Batista Scalabrini (1839-1905), que ao ver o estado de penúria que encontrava seus conterrâneos forçados a emigrarem, se compadece e institui a ordem. O relato comovido que segue pertence ao monsenhor que descreve vividamente a cena, que mostra um povo expulso de sua pátria e

que, mesmo maltratados, cansados e humilhados ainda não tinham desistido de buscar uma vida melhor.

Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza. Passando pela estação, vi o salão, os pórticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. [...]. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da idade; senhores que arrastavam seus filhinhos atrás de si, ou os carregam ao colo; meninos e meninas, todos irmanados por um só pensamento e guiados por uma única meta. Eram imigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália, [...], donde zarpariam para as longínquas Américas, com a esperança de terem menos hostil a fortuna e a terra menos ingrata a seus suores. [...]. Iam para a América onde – tantas vezes o ouviram dizer – havia trabalho bem remunerado para qualquer pessoa dotado de braços fortes e de boa vontade. Com lágrimas, tinham-se despedido do torrão natal, que os ligava a si por numerosas e doces lembranças. Mas, sem remorso abandonavam a pátria, que apenas lhes era conhecida sob duas formas odiosas: o recrutamento e a cobrança dos impostos. Pois, para o deserdado, a pátria é a terra que lhe garante o pão; e lá, bem longe, esperam consagui-lo de modo menos parcimonioso e menos custoso. (SCALABRINI, 1979, p.43-44 apud FERNANDES, 2001, p.18)

Com isso, Scalabrini decide organizar essa ordem com a finalidade de que esse povo não perdesse sua identidade – por preservar sua cultura – e não perdesse sua relação com Deus – por preservar sua religião. A ordem deveria enviar padres a todos os lugares em que houvesse imigrantes italianos, com o objetivo de cumprir tais regulamentos. Cita-se aqui o último item do regulamento dos Scalabrinianos: “1.7 favorecendo e promovendo as organizações e obras que se julgarem mais aptas a conservar a religião católica e a cultura italiana entre os emigrados” (RIZZARDO apud FERNANDES, 2001, p.20).

Em relação ao padre Luiz Stefanello, observa-se que ele foi uma pessoa com um senso de liderança muito grande, basta ver isso por seus gestos observados nos depoimentos e literatura que falam sobre ele. Acredita-se que o padre de fato cumpriu com suas metas Scalabrinianas por não deixar morrer a tradição daquele povo. Ao longo de sua longa permanência em Cascalho observa-se que ele criou estruturas e eventos como: banda, teatro e festas (FERNANDES, 2001).

Notamos que o teatro ainda está presente nas comemorações, como por exemplo, no Natal e na Festa da Befana. Embora a língua italiana tenha sido esquecida ao longo dos anos, houve um processo de resgate desta, na tradição recente de usá-la na missa da Semana Italiana (habitualmente realizada no mês de abril). Estas manifestações culturais estimulam a participação da população de modo ativo, tanto que festividades como a da padroeira de Cascalho (realizadas no mês de agosto) já é comemorada há quase um século, ou seja, foi festejada pela primeira vez no ano de 1914, três anos após a chegada do padre Luiz Stefanello.

Na construção da igreja, durante o período de formação do Bairro, houve grande participação da comunidade, não só pedreiros e moradores, mas principalmente o padre que administrava a igreja naquele momento histórico, Luiz Stefanello (FERNANDES, 2001, p. 60). Em depoimento do pároco atual sobre a importância da igreja: “Eu entendo e julgo que a igreja teve essa função de agregação das famílias do bairro, por quê? O que sobrava para eles de apoio a não ser a igreja?”. Se referindo ao padre Luiz Stefanello, diz: “O padre Luiz, acho que ele foi muito sábio quando ele chegou aqui, ele entendia que a paróquia tinha que ser o ponto de agregação [...] e eu sinto que até hoje ela exerce isso, a vida acontece em

torno da Igreja" (informação verbal⁶). Pode-se ver que a igreja de Cascalho preservou suas características originais, observando-se a foto com data aproximada da sua inauguração, em 1936 (figura 2), em comparação com a atual (figura 1, à direita). Os moradores valorizam muito o espaço não só como uma igreja, o espaço físico do templo, mas possui também uma "dimensão simbólica" da memória territorial. Assim a igreja ultrapassa os limites físicos, hoje faz parte do simbólico e imaginário da população do lugar, possui um valor afetivo intrínseco.

Em referência à posse das terras do Núcleo, segundo o presidente da Associação "*Trevisani nel Mondo*" (informação verbal), sua disposição geográfica permanece quase inalterada se comparada ao mapa original do período de sua formação. E, por sua vez, estão sob a posse dos herdeiros daqueles imigrantes que formaram o Núcleo. Tuan (1980) deixa claro que para o pequeno produtor se desfazer de sua propriedade não é algo trivial ou que, a propriedade, a terra, tenha apenas um apelo econômico. Mas antes, mostra que a relação entre pequeno produtor e sua propriedade é muito mais complexa, é um sentimento topofílico.

O apego à terra do pequeno produtor ou camponês é profundo. [...] A topofilia do agricultor esta formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. (TUAN, 1980, p.111).

Segundo Antônio Cândido muitos moradores se recusam a mudar mesmo que condições econômicas ou sociais sejam desfavoráveis. Após algum tempo de convivência em um lugar, se desenvolve uma relação com o mesmo por causa de um sentimento, que Antônio Cândido descreve como: "[...] o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o *sentimento de localidade* existente nos seus moradores, e cuja formação depende [...] também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas [...]" (CÂNDIDO, 2001, p.84).

Desta forma, embora no contexto econômico atual, terras espacialmente pequenas demais possa ser um entrave para a monocultura – no caso a cana-de-açúcar⁷ tão presente na região – seus descendentes não abrem mão nem do seu espaço nem do significado que ele representa para os seus. Isso foi confirmado pelo padre que afirma que valores familiares e a relação com a igreja jamais se perdeu. Com relação à cultura e o espaço diz: "Eu entendo que é o espaço da propriedade, cada um ter o seu pedaço de terra, a fixação das famílias aqui é que fez com que a cultura fosse preservada" (informação verbal⁸).

Coelho (1991), em análises num bairro rural, onde predomina a pequena propriedade, destaca o fato de que a religiosidade marcou e ainda marca a vida em comunidade rural:

Pude então constatar que a religião é o centro de tudo; ela funciona como uma mola mestra que comanda todo o conjunto de atividades presentes na vida dos sujeitos. Assim a sociabilidade, a solidariedade, o mutirão, são elementos que se apresentam como necessários à vida dos sítiantes, mas que se explicitam mais significativamente no círculo das práticas religiosas, ocasião em que é reiterada a identidade cultural do grupo. (COELHO, 1991, p.143)

Fato interessante é que a autora diz que nessas práticas culturais é que a comunidade acentua as características de "grupo". Assim, mostra que o mero fato de viver no grupo

⁶ Entrevista concedida pelo Padre em 20/09/08, na Associação "*Trevisani nel Mondo*".

⁷ A presença de cana-de-açúcar em Cascalho é pouco significativa, e quando ocorre é devido a compra de terras feitas por proprietários que tinham suas terras nos limites do Bairro e as adquiriu por dar uma continuação espacial as mesmas, lembrando como já dito que esse processo ocorreu em pouquíssimas propriedades (informação verbal). Entrevista cedida em 04/10/08, pelo Presidente da Associação "*Trevisani nel Mondo*".

⁸ Entrevista concedida pelo Padre em 20/09/08, na Associação "*Trevisani nel Mondo*".

nem sempre mantém essas características, mas antes, fatores culturais, como por exemplo, a religião, é que fornecem base para que o mesmo não somente se torne, mas permaneça enquanto grupo. São essas características culturais que criam a identidade: "Ao mesmo tempo a identidade pode ser igualmente interpretada como efeito dos processos de territorialização, [...]" de modo que, após sucessivas repetições dos processos culturais "[...] tais processos tendem a crescer a 'especificidade do lugar' e, como efeito da radicação territorial das redes – 'ancoragem' determinada por fatores culturais – determinam uma consolidação do sentido de pertença da comunidade local" (POLLICE, 2010, p.9), criando uma identidade singular.

A unidade paisagística em Cascalho, por todas as estruturas existentes, apresenta-se de forma "[...] organizada que se mantiene y reproduce en el tiempo", [de modo que] "los paisajes son también una estructuración del espacio que incorpora una gran cantidad de información humana en un importantísimo legado colectivo" (TELLO, 1999⁹, p.201).

CONCLUSÕES

Ao analisar as entrevistas, pôde-se observar a estrutura da Igreja enquanto elemento cultural agregador da comunidade. Como o pároco afirma: "a vida acontece em torno da Igreja". Atrélada à Igreja temos as comemorações e festividades: Missas de Jovens, Missa dos Casais Aniversariantes do Mês, Almoço na Roça, Festa Italiana, Festa da Padroeira e Festa do Milho Verde, Natal, Festa da Befana, entre outras.

Outro elemento marcante é a associação "*Trevisani nel Mondo*" que surgiu para fazer o levantamento e arquivamento dos dados da comunidade como, por exemplo, depoimentos transcritos, passaportes, certidões, etc., que estavam dispersos. Desse modo, tanto o espaço da Associação quanto da Igreja foram se tornando espaços coletivos, de trocas culturais, que passaram a ter grande significado para os sujeitos do lugar.

Assim, criou-se uma identidade de grupo, e isso faz com que mesmo os ex-moradores e descendentes, que muitas vezes nunca habitaram ali, se encontrem com frequência em Cascalho sempre que haja algum evento, seja ele religioso ou secular. Os descendentes dos italianos originários de Cascalho são muito numerosos, em geral não possuem mais relação econômica com o bairro, habitam fora dali, mas cultivam aquele espaço como espaço de referência. A cultura italiana preservada nos costumes, na linguagem e em vários espaços de convívio, fez com que Cascalho não só preservasse a cultura do imigrante, mas também a torne diferente dos demais lugares ao seu entorno. Somando-se à Igreja, a Associação "*Trevisani nel Mondo*", a Associação Rural e as pequenas propriedades, espaços que geraram uma "identidade grupal" específica, fez com que os descendentes dos formadores do Núcleo mantivessem uma relação topofílica em relação ao atual Bairro de Cascalho. Tornando-o não só meros espaços de convívio, mas antes espaços de afetividade. Desse modo, mesmo que morando fora, muitos descendentes têm como referência o Bairro como parte de sua identidade e aquele espaço como "o seu lugar".

A pequena propriedade foi um fator determinante para que essa cultura do lugar fosse preservada, sustentada pela identidade territorial. Os espaços da pequena propriedade englobam tanto o espaço coletivo – de trabalho – quanto o espaço privado – de moradia, o espaço doméstico. Portanto, a base econômica de mais de 100 anos atrás, fixou aquela

⁹ "[...] organizada que se mantém e se reproduz no tempo, [de modo que] as paisagens são também uma estruturação do espaço que incorpora uma grande quantidade de informação humana com um importantíssimo legado coletivo" (TELLO, 1999. p. 201. Tradução nossa)

cultura. E hoje a cultura preservada, que dá destaque a Cascalho, é uma característica marcante tanto para os seus moradores atuais, quanto para os descendentes que não ocupam aquele lugar.

REFERÊNCIAS

- BOTTEON, L. C. (Coord.). **Cascalho imigrantes de ontem, brasileiros de hoje**: álbum histórico dos 110 anos de imigração das famílias de cascalho. São Paulo: Ave-Maria, 2005.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 9ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- COMUNE Colle Umberto. Disponível em: <<http://www.comune.colle-umberto.tv.it/>>. Acesso em 10 fev. 2010.
- CARNEIRO, J. F. D. **Imigração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil Faculdade Nacional de Filosofia, [1950?].
- CENNI, F. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, [1975?].
- COELHO, M. **Bairro dos Machados**: Entre o Sonho e a Realidade. 239 folhas. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. UNESP - Araraquara, 1991.
- COSGROVE, D. A Geografia esta em toda parte: Cultura e Simbolismos nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdEURJ. 2004, p. 92-122.
- DEAN, W. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FERNANDES, M. L. **As bênçãos e a prática de exorcismos na primeira metade do século XX, na paróquia de Cascalho**. 211 folhas. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Dep. de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP - Ribeirão Preto, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1989.
- GUIMARÃES, S. T. de L. **Paisagens**: aprendizados mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 167 folhas. Tese (Livre Docência). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista UNESP. Rio Claro. 2007.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- HISTÓRICO do bairro de Cascalho. Apresenta informações históricas sobre o Bairro de Cascalho. Disponível em: <http://www.cascalho.net/historico_bairro.jsp> Acesso em 30 nov.2010.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2007. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 13 dez. 2007.
- MARTINS, J. S. **Subúrbio**. Vida Cotidiana e Historia no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da Republica Velha. São Paulo: Hucitec-Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec-Polis, 1984.
- PETRONE, M. T. S. **O imigrante e a pequena propriedade** (1824-1930). São Paulo: Brasiliense, 1984.
- POLLICE, F. Il Ruolo dell'identità Territoriale nei Processi di Sviluppo Locale. **Bollettino della Società Geografica Italiana**, Roma, v. X, n. 1, p. 75-92, gen-mar. 2005.

POLLICE, F. O Papel da Identidade Territorial nos Processos de Desenvolvimento Local. Tradução de Andrea Galhardi de Oliveira, Renato Crioni e Bernadete Ap. C. C. Oliveira. **Espaço e Cultura**, UERJ. Rio de Janeiro, n. 27 p. 7-23, jan/jun, 2010.

Disponível em: <http://www.nepec.com.br/rev_espcul_27.htm> Acesso em: 11mar. 2011.

PRADO Jr., C. **História econômica do Brasil**. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1956.

TELLO, E. La formación histórica de los paisajes agrarios mediterráneos: una aproximación coevolutiva. **Historia Agraria**: revista de agricultura e historia rural, cidade. n.19, p.195-212. 1999.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL Difusão Editorial, 1980.

Recebido em janeiro de 2011

Revisado em junho de 2011

Aceito em agosto 2011

